

**Nome:** Bianca Rocha Machado

**E-mail:** byanca\_machado@hotmail.com

**Instituição de Ensino:** UnB

**Orientador:** Alexandre Hahn

## MODERNIDADE E LIBERDADE – REFLEXÕES SOBRE A CRÍTICA DE HEGEL AO IDEALISMO TRANSCENDENTAL DE KANT

**Resumo:** Hegel se defronta com uma racionalidade que impõe reformulação. Sua obra busca as condições de superação, em nome do resgate das promessas de emancipação do esclarecimento, de equívocos progressivamente consolidados ao longo da história do pensamento. Por meio de uma análise detida de seu momento histórico, Hegel encontra na manutenção do subjetivismo moderno – e suas radicalizações mais significativas, na filosofia kantiana – o equivalente filosófico às rupturas e tensões que se anunciam na *práxis*, evidenciando os efeitos deletérios, para qualquer filosofia prática, de compreensões epistemológicas equivocadas e unilaterais, uma vez que conduzem a uma compreensão também equivocada da ideia de liberdade. Hegel considera que a preservação das expectativas e promessas de liberdade e emancipação postas pelo esclarecimento exige que se repense o tipo de racionalidade privilegiado pela modernidade, em vista da necessidade histórica da afirmação de um modelo de liberdade que realize efetivamente a emancipação de indivíduos. Para atingir esse feito, Hegel estabelece uma relação crítica com o idealismo transcendental de Kant.

Kant afirma que intuições intelectuais não podem alcançar conhecimento, uma vez que a razão, operando sem conteúdo sensível, ora se enreda em contradições, ora se vê forçada a abandonar suas pretensões de objetividade. Sua revolução copernicana e a posterior delimitação das condições da experiência objetiva traçam o caráter incontornavelmente conceitual da experiência – que, para Kant, articula forma e conteúdo por meio das formas puras da intuição sensível e do entendimento. A afirmação do aspecto conceitual de asserções com pretensão de validade objetiva será de vital importância para Hegel, que ampliará, com isso, sua noção de experiência, de modo afirmar que todo pensamento já se encontra imerso em estruturas conceituais.

Entretanto, Hegel também vê na filosofia kantiana o ápice do subjetivismo que ele próprio pretende superar. Uma das principais decorrências do projeto filosófico kantiano é

a impossibilidade de conhecer um objeto como ele é em si mesmo. Kant insiste ao longo de sua obra em que temos conhecimento apenas de *fenômenos* captáveis pela sensibilidade, não tendo qualquer experiência das *coisas-em-si*. Esse resultado não apenas sela a cisão moderna entre sujeito e objeto com um muro intransponível, tornando passível de total engano afirmações acerca de algo que tenha a pretensão de ultrapassar o âmbito fenomênico, mas também consolida um paradigma de racionalidade que considera em separado forma e conteúdo do conhecimento. A abstração da qual esse modelo resulta se consolida de tal modo que sua pretensão máxima se torna, com Kant, desvendar as nuances da estrutura formal do conhecimento em vista da melhor manipulação dos conteúdos. A instrumentalização do conhecimento que disso decorre será, para Hegel, o legado mais nocivo da modernidade.

Para Hegel, a concepção moderna de racionalidade, assumida e consolidada por Kant, inviabiliza a percepção de elementos históricos, situacionais e sociais inerentes a essa mesma experiência e não permite a visualização do conjunto de normas e valores que influenciam de antemão as práticas, os usos que os sujeitos fazem de seu próprio saber. E uma vez que tais práticas constituem o ambiente que os homens compartilham, compondo a realidade que se transforma e atualiza por meio da ação desses mesmos homens, a filosofia moderna oculta, pela formalização do conhecimento, o potencial da intervenção valorativa e normativa sobre a realidade, com propósito transformador, em suas dimensões sociais, históricas e políticas. Em outras palavras, a filosofia moderna impossibilita a crítica, engessa a *práxis* e estanca possibilidades de emancipação, na medida em que impossibilita uma teoria da sociedade moderna que compreenda suas especificidades. O modelo cognitivo moderno, ao centralizar na subjetividade a pedra de toque de seus conhecimentos, aparta o sujeito de seu próprio mundo e impede o reconhecimento de que a subjetividade não é uma instância *a priori*, mas uma esfera do saber, também constituída em um ambiente de valores e normas compartilhados e sujeitos à atualização e transformação.

Uma das facetas esgotadoras dessa racionalidade unilateral – a mais relevante para Hegel, em vista de seus efeitos devastadores – reside precisamente em sua concepção limitada de liberdade, calcada nos princípios epistemológicos da cisão abstrata. A modernidade é calcada na noção de liberdade individual, cujo fundamento último é o arbítrio. A razão binária e excludente trabalha com uma ideia de liberdade como realização pessoal da vontade e toma a vontade do outro como oposta à sua, o que redundará na

anulação de uma das vontades, quando alguma outra se lhe opõe. A dialética se faz necessária, portanto, para pensar um conceito de liberdade no qual o ser-aí livre não colapsa em outro ser-aí igualmente livre: a liberdade não é um dado anterior às relações humanas, inato, extrínseco aos sujeitos, que as instituições devem defender, mas um elemento da vida social que as instituições devem construir e preservar.

Sobre a relação entre o conceito de liberdade e a historicidade da racionalidade dialética, Axel Honneth defende que o propósito de Hegel é explicar o entrelaçamento entre racionalidade e realidade social<sup>1</sup>. A *Fenomenologia do Espírito* tratará precisamente de criar um sistema de pensamento que justifique essa relação, evidenciando suas condições de possibilidade. Desse modo Hegel revoga uma noção de racionalidade que seja pura ou pré-institucional (como pretende o pensamento moderno de Descartes a Kant), defendendo uma dimensão compartilhada de racionalidade, fator determinante para a aproximação entre Hegel e questões contemporâneas da teoria social: sua filosofia é mais sensível à estruturação das instituições e às patologias da sociedade moderna. Acerca disso, Charles Taylor defende que “a tentativa contemporânea de ir além desse dilema, de situar a subjetividade, relacionando-a com nossa vida como seres corporificados e sociais, sem reduzi-la a uma função da natureza objetificada, nos remete constantemente à Hegel”<sup>2</sup>.

Por outro lado, as instituições modernas que pensam a liberdade como arbítrio consideram a existência de uma hierarquia abstrata entre forma e conteúdo, priorizando a forma – ou seja, seu aspecto subjetivo – e rebaixando o conteúdo a uma instância à qual a forma se aplica como princípio normativo. Como consequência, estas instituições conduzem o homem a uma vida sacrificial que colapsa na dissolução de seus potenciais emancipatórios. Um sujeito puro não pode, por exemplo, ser o fundamento último da moralidade, como quer a moral kantiana, uma vez que o critério do qual esse sujeito se vale para reconhecer quais são as práticas mais desejáveis meramente é interno, não possui valor objetivo e conduz a uma compreensão distorcida de normas e valores. Qualquer critério válido de normatividade deve se originar na *práxis*. A proposta hegeliana abre caminhos no debate acerca do tipo de racionalidade devemos nos esforçar para privilegiar, sobretudo em tempos nos quais se consolidam formas de organização social cada vez mais

---

<sup>1</sup> Em sua obra *Sofrimento de Indeterminação*, Honneth declara que seu objetivo é “demonstrar a atualidade da *filosofia do direito* hegeliana, ao indicar que esta, como projeto de uma teoria normativa, tem de ser concebida em relação àquelas esferas de reconhecimento recíproco cuja manutenção é constitutiva para a identidade moral de sociedades modernas” (HONNETH, 2001, p. 57).

<sup>2</sup> TAYLOR, Charles. *Hegel e a sociedade moderna*. São Paulo, 2005, p. 207.

pautadas pela racionalidade técnica de operacionalização de meios cujos fins são a produtividade crescente e o cumprimento de exigências mercadológicas que pouco ou nada tem a ver com as exigências humanas mais fundamentais.

**Palavras-chave:** Hegel – Kant – Modernidade – Crítica – Liberdade